

NOVA PERSPECTIVA NA FORMAÇÃO RELIGIOSA

*Frei João de Araújo Santiago OFMCap.**

RESUMO

O presente artigo objetiva mostrar como a psicologia do profundo pode ajudar a desvendar a complexa rede dos fatores que motivam a pessoa a entrar na Vida Religiosa ou a deixá-la; e serve: - para perceber a inter-relação entre o psíquico e os valores espirituais; - para a auto-formação de todo e qualquer religioso/a; - como formação à tarefa de educador ou formador.

Palavras-Chaves

Vida Religiosa. Formação Religiosa. Psicologia. Eu-ideal. Eu-atual.

ABSTRACT

The present objective article to show as the psychology of the deep one can help to unmask the complex net of the factors that motivate the person to enter in the Religious Life or to leave it; e serves: - to perceive the interrelation between psychic and the values spirituals; - for the auto-formation of all and any religioso - as formation to the education task or formador.

Key-words: Religious Life. Religious formation. Psychology. I-ideal. I-current.

1 INTRODUÇÃO

Temos aqui uma mostra da teoria e pesquisa feita pelo Pe. Luigi Rulla. Este sacerdote jesuíta é o destacado diretor do Instituto de Psicologia na Universidade Gregoriana em

* Mestrado em Teologia da Espiritualidade pelo Pontifício Ateneo Antonianum-ROMA

Roma, vencedor do 50º prêmio da Comissão Internacional de Psicologia Religiosa Científica, Bruxelas, 1976. Dele é a primeira formulação da Teoria de Psicologia da Vocação Sacerdotal e Religiosa.

Gostaria de avisar que, o entendimento do presente artigo pressupõe um certo conhecimento da teoria psicológica elaborada pelo Pe. Rulla. Neste sentido, avisamos que em língua portuguesa, temos várias obras elaboradas desde a "Escola de Rulla". Os autores que fazem parte desta "Escola", e que mais produzem são: Luigi M. Rulla, Amedeo Cencini e Alessandro Manenti. No Brasil, as obras destes autores são publicadas pela editora "Paulinas". No entanto, sugerimos aos que pouco conhecem o assunto, que é necessário um bom dicionário de Psicologia quando encontrar algum termo significativo para o entendimento.

A psicologia tem dado a sua atenção aos problemas da Vida Religiosa por muitos anos. Como alguém disse, está constantemente aumentando o número de pesquisas em relação à vocação sacerdotal e à Vida Religiosa nos últimos anos. Um fato, no entanto, emerge: apesar de grande quantidade e variedade de pesquisas completadas em vários países, há ainda poucos resultados consistentes e definitivos. Há muitos projetos de pesquisas que já seguiram caminhos concretos especificamente da vocação religiosa, porém quase em todas as pesquisas há sérias lacunas nos métodos e conceitos (antropológico e teológico).

Neste contexto, o trabalho de Luigi M. Rulla e os seus associados no Instituto de Psicologia da Universidade Gregoriana em Roma, merecem uma importante atenção. E, isso porque tudo indica que seja a primeira formulação da teoria psicológica da vocação sacerdotal e religiosa, teoria da qual as hipóteses foram sistematicamente sujeitas à pesquisa científica.

Este artigo oferece, uma concisa visão geral da teoria da vocação desenvolvida pelo Pe. Rulla. E apresenta os

resultados principais obtidos na pesquisa até hoje, resultados que estão principalmente relacionados com a motivação inicial da escolha da Vida Religiosa e com a motivação de deixar a Vida Religiosa. Finalmente considera ou apresenta algumas implicações destes resultados, primeiramente na medida em que se relacionam com o problema da formação religiosa.¹

2 A INCONVENIÊNCIA DAS TEORIAS EXISTENTES

Já existe um bom número de teorias da personalidade, como a teoria psicanalista de Freud, a teoria comportamental de Skinner, a teoria da realização pessoal (self-fulfillment) de Rogers, etc; mas nenhuma destas teorias é formulada com uma precisão e clareza suficientes para permitir a formulação de hipóteses que podem ser sujeitas a uma verificação empírica. E ainda: estas teorias não servem como base de pesquisa sobre a vocação religiosa, uma vez que não consideraram a vocação religiosa em seus testes; além disso, nenhuma destas teorias leva em consideração valores religiosos, e estes são as características fundamentais da vocação religiosa e sacerdotal.

Há também um certo número de teorias especificamente vocacionais que dispõem para interpretar a escolha da carreira ou profissão por meio de alguns atributos de personalidade. Estas teorias têm um fator em comum: vêm a atualização pessoal (self-actualization), ou a "realização pessoal" como sendo a motivação fundamental na raiz de todo tipo de escolha vocacional. A este ponto podemos certamente questionar se a tal motivação respeita a realidade da vocação religiosa: a escolha de vida segundo o Evangelho baseada no chamado a renunciar tudo, incluindo a própria pessoa, de maneiras a seguir Jesus. Seria uma contradição colocar a "realização"

¹ Cf. RULLA, L. M., *Psicologia do Professor e Vocação*. São Paulo: Paulinas, 1997.

pessoal como sendo a *motivação primária* para a vocação da qual a principal orientação é a transcendência pessoal².

Estas são as razões mais significativas que inspiraram o Pe. Rulla para desenvolver a teoria que pretende integrar valores espirituais e o entendimento psicológico em uma total lógica e coerência. Esta concepção deve permitir a formulação de hipóteses ou axiomas, e a sua tradução em termos concretos que possam por sua vez permitir a verificação experimental, sem a qual a teoria, mesmo que lógica e sólida por si mesma, correria o risco de permanecer simplesmente teórica.

A teoria do Pe. Rulla propõe como um principal objetivo uma clara apresentação das pré-disposições motivacionais que podem influenciar a entrada, perseverança e a eficácia na vocação.

3 PREMISSAS TEOLÓGICAS³

A partir da visão teológica, baseada primariamente nos documentos do Concílio Vat. II, podemos isolar os seguintes três elementos comuns à vocação sacerdotal e religiosa.

a) Em primeiro lugar o fato de que a vocação religiosa é primariamente um convite de Deus: a vocação religiosa é uma graça interna, daí que gratuita, através da qual Deus chama, convida a pessoa a consagrar a si mesma para a missão de sacerdote ou para a vida dos conselhos evangélicos, através

2 Aqui tocamos numa questão por demais melindrosa, isto é, o que vem a ser "transcendência pessoal?". O termo "transcendência" tem uma herança marcada por mal-entendidos. O certo, porém, é que a proposta de Jesus para que o homem se realize, passa pela doação de si próprio, e não comporta um projeto de vida marcado pelo egoísmo.

3 Nesta "teoria", a premissa teológica é basilar: o farol que ilumina a Vida Religiosa é "teológico-dogmático".

dos três votos de pobreza, castidade e obediência (na Vida Religiosa).

b) Este chamado de Deus significa e configura uma exigência sobre a existência total da pessoa. É chamada a uma nova existência, em que o elemento religioso deve ser a motivação dominante que integra e unifica toda a pessoa. É este elemento religioso que confere na vocação religiosa a sua característica de transcendência: o religioso e o sacerdote escolhem testemunhar num compromisso pleno, o valor absoluto do reino fundado por Jesus Cristo.

c) A vocação religiosa implica, para quem é chamado, uma nova obrigação em comparação com a chamada à santidade que já está incluída para todo o cristão no Batismo. Esta nova obrigação é acerca da escolha permanente duma forma particular de vida na Igreja.

Os três parágrafos acima têm um ponto central: os valores espirituais têm uma função essencial na vocação para a Vida Religiosa. É em volta destes valores fundamentais que a personalidade deve ser unificada. Isso não implica, no entanto, que o que foi dito é verdadeiro exclusivamente para a Vida Religiosa. Não há uma diferença essencial nisto, entre o religioso e o cristão batizado. Em consequência, a teoria apresentada aqui é também válida, *mutatis mutandis*, para a vida cristã, que é fundamentalmente vida vivida para Deus e para os outros⁴.

4 Geralmente o discurso sobre a realização de si mesmo é feito somente a partir do ético, isto é, a realização de si coincide com o fazer da minha vida uma doação. A doação, no entanto, pressupõe uma riqueza interior que é a vida deificada.

4 PREMISSAS PSICOLÓGICAS

Como podemos integrar as observações teológicas feitas acima sobre a vocação religiosa, com tantas dimensões da própria personalidade? Entre estas últimas dimensões há uma de particular importância, a de subconsciência. Isto tem a ver com realidades que apesar de desconhecidas pela grande maioria dos superiores e súditos, influencia profundamente a vida do individual e do comunitário.

Existem nas comunidades religiosas aquela tendência de considerar pessoa adapta para a Vida Religiosa, através dos seguintes juízos: “este sujeito parece saber o que quer”; “aquele jovem é de bom caráter”; “ele é mentalmente sadio”; “ele é dedicado na pastoral e na vida de oração”. A comunidade religiosa que faz uso de psicólogo para a seleção dos seus candidatos objetivam excluir acima de tudo os casos psicopatológicos porque se ignora outros fatores psicológicos que podem afetar a adaptação da pessoa para a Vida Religiosa⁵. Fora destes casos de doenças mentais, as pessoas tendem a pressupor no sujeito a capacidade de perseverar e de crescer na Vida Religiosa. Em conseqüência, para aqueles que deixam a Vida Religiosa seria dito que eles usaram pobremente ou limitadamente a sua liberdade e não responderam suficientemente a graça que Deus estava lhes oferecendo.

Porém, não será necessário, quiçá, introduzir outra dimensão entre o estado patológico (assim tão implacável que destrói a liberdade da pessoa), e o estado onde a pessoa é totalmente livre, sem fatores psicológicos que diminuem a

5 Querendo ser mais realista, teríamos que afirmar que em nossos ambientes eclesiais, nem sequer consideramos os casos patológicos. Neste sentido, estamos aquém de certas organizações privadas e civis. De fato, temos indivíduos - leigos e religiosos - que apresentam sérios problemas de ordem emocional e mental que assumem CEB's, pastorais, ingressam nos seminários e casas de formação, que estão ordenados presbíteros. Estes desequilíbrios se manifestam em relação ao poder, ao dinheiro, aos afetos.

liberdade? Não haverá uma interpenetração profunda entre o consciente e o inconsciente? Se existe o subconsciente, e se este subconsciente influencia (pelo menos a um certo grau, difícil de determinar com precisão) a vida consciente temos, de ter em consideração, na avaliação e seleção dos candidatos não só os seus possíveis sintomas patológicos, não só as suas: vontades, interesses e atitudes, não só as suas: conscientemente e formuladas necessidades, mas também os motivos inconscientes que lhes podem influenciar em vários graus, suas capacidades de internalizar e personalizar os valores espirituais que lhes serão apresentados no decurso da sua formação?⁶ Para além da evidente boa vontade e sincera proclamação de valores autênticos, existe na origem do comportamento um ser complexo do qual as necessidades inconscientes em certos momentos podem sufocar os desejos conscientes.

A fim de tornar mais fácil e ter presente os diversos e complexos elementos que fazem parte da personalidade, vamos enfrentar o estudo da personalidade a partir de dois pontos de vista: estrutura e conteúdo.

A partir da visão estrutural, a personalidade pode ser considerada em duas camadas. O “eu ideal” (auto ideal) que é consciente: aquilo que o indivíduo deseja ser um dia ou tornar-se; e o “eu atual” que pode ser consciente ou subconsciente: aquilo que ele é na realidade, que ele pode ou não saber e também a forma que ele age habitualmente. Os conteúdos principais dentro destas estruturas são os valores, atitudes e necessidades. Por valores queremos dizer os ideais de vida que a pessoa propõe-se para viver. Por exemplo, para

6 Um dos mais importantes – se não o mais importante – objetivos de toda a teoria aqui apresentada é chegar a fazer com que um vocacionado (toda e qualquer pessoa disposta a responder aos apelos de Deus) chegue a começar internalizar valores. O leitor, por favor, mantenha durante a leitura esta “chave-de-leitura”.

a Vida Religiosa estes seriam: união com Deus, imitação de Cristo e os três votos: pobreza, castidade e obediência. As atitudes também são como os valores, tendências em direção à ação, mas elas são mais específicas e numerosas que os valores. De maneira que um valor como a obediência pode ser expresso em muitas atitudes diferentes, como respeito pelos superiores, disponibilidade apostólica, etc. Neste caso a atitude leva consigo a função expressiva em relação aos valores e servem de mediadores entre elas e o comportamento. Assim, o “eu ideal” é constituído pela combinação de valores e de atitudes que caracterizam cada pessoa singular.

O “eu ideal”, ao lado do comportamento da pessoa também inclui necessidades conscientes ou subconscientes. As necessidades são predisposições para a ação existentes sem dúvida nenhuma na natureza do ser humano nas suas dimensões orgânicas, emocionais e espirituais.

A psicologia moderna desenvolveu uma lista de cerca de vinte necessidades que são considerados fundamentais; por exemplo, a necessidade de dependência afetiva, a necessidade sexual, de autonomia, de conhecimento, etc. As necessidades, como os valores são expressas através das atitudes; por exemplo, a necessidade de ser agressivo pode manifestar-se com a atitude de recusar ou de aceitar a autoridade, em relutância em cooperar com os outros, na tendência de criticar outros, etc.

As atitudes funcionam como fulcro da personalidade; de fato, por causa da sua posição central, elas podem vir dos valores e/ou das necessidades; podem servir para satisfazer e expressar estas necessidades ou pelo contrário, defender o “eu” destas necessidades (por exemplo, quando um desenvolve atitudes de gentileza e de reverência como autodefesa contra uma profunda necessidade de agressão).

5 CONSISTÊNCIA E INCONSISTÊNCIA

Há certas necessidades que dão origem a atitudes que podem ser descritas como dissonantes em relação a valores que são fundamentais na vocação religiosa⁷. Tais necessidades são, por exemplo, de agressão, dependência de coito sexual, dependência de namoro, etc. Estas necessidades podem ser chamadas “vocacionalmente dissonantes”. Outras, ao contrário, são neutras ou consoantes, por exemplo, a necessidade de superar obstáculos e dificuldades, a necessidade de liderança, necessidade de conhecimento.

Se as atitudes fossem simplesmente a expressão de valores de um indivíduo, seria fácil discernir a aptidão de um candidato para a Vida Religiosa. Seria suficiente verificar a presença de valores fundamentais da vocação religiosa e verificar a sua expressão ao nível de atitudes e comportamento. Neste caso, a formação poderia limitar-se em ajudar a pessoa a perceber e aceitar estes valores, e em explicar a sua tradução lógica ao nível de atitudes e ações.

A existência do “eu latente” complica a situação. As atitudes do sujeito não são somente expressão dos seus valores, mas podem vir também das suas necessidades conscientes ou inconscientes. Em outras palavras, o “eu ideal” pode ser em parte projeção do “eu latente”. Um exemplo pode clarificar o que queremos dizer. O valor cristão da caridade pode se exprimir de diversas maneiras: no serviço aos outros, nas orações apostólicas, no respeito humilde pelas opiniões dos outros, etc. Cada uma destas expressões concretas ou atitudes, no entanto, pode ter uma motivação muito diferente da caridade. O serviço aos outros pode ter como objetivo a satisfação de uma forte necessidade de dependência afetiva,

7 Neste caso instaura-se um conflito, uma crise, uma espécie de dilaceração interior.

e por isso, talvez na realidade o oposto da caridade: dar para depois receber - o que não é expressão dum amor altruístico. Ou ainda, respeito humilde pelas opiniões dos outros pode vir dum sentimento de inferioridade que retarda o indivíduo na capacidade de se expressar livremente. O problema é que a tal motivação pode facilmente escapar da consciência do indivíduo. Ele dedica-se totalmente, e de boa vontade no serviço ao próximo, sem estar consciente que ele está respeitando os outros, sendo diferente em qualquer diálogo em que ele se engaje, mas a realidade é que, em uma última análise, a ele falta coragem de expressar suas próprias convicções.

Existe, portanto, a possibilidade de inconsistência⁸ entre o "eu ideal" e o "eu atual", e esta inconsistência pode ser consciente ou inconsciente. A teoria apresenta quatro tipos gerais de consistência ou inconsistência, baseados na dinâmica que pode existir entre os valores, as atitudes e as necessidades:

a) *Consistência Social*: quando uma necessidade consciente ou subconsciente é compatível com os valores e as atitudes do indivíduo. Em conseqüência, a necessidade de ajudar os outros pode estar em harmonia com uma atitude generosa, orientada para a realização da caridade. Esta consistência é chamada social porque o indivíduo é bem adaptado socialmente.

b) *Consistência Psicológica*: quando a necessidade é compatível com os valores, mas não com as atitudes do indivíduo. Em conseqüência, a necessidade de ajudar os outros pode estar em harmonia com o ideal da caridade, mas

8 Inconsistência, isto é, incompatível; que não pode harmonizar-se; inconciliável, incombinável. No nosso caso, a inconsistência é entre o que eu quero ser ("eu ideal"), caridoso, por exemplo, e o que sou ("eu atual"), um ser que depende do reconhecimento por parte daqueles ou daquelas que recebem minha caridade.

o indivíduo já desenvolveu, mais ou menos conscientemente, algumas atitudes que são contrárias a isso, por exemplo, agressivo ou atitudes egoístas. No entanto, apesar de socialmente mal ajustado, podemos considerar tal indivíduo fundamentalmente ou psicologicamente consistente.

c) *Inconsistência Psicológica*: quando a necessidade subconsciente não está em harmonia com valores e atitudes. Por exemplo, alguém pode ter a necessidade subconsciente de ser apoiado por outros e de depender de outros. O problema é que esta necessidade é incompatível com as suas atitudes, que estão mais orientadas na direção oposta (ajudar os outros). Este indivíduo, exteriormente bom religioso, é psicologicamente inconsistente. Ele manifesta a tendência de ajudar os outros, mas de fato há necessidade de defender-se, já que em última análise, ele quer dar para poder receber.

d) *Inconsistência Social*: quando a necessidade subconsciente não está em harmonia com os valores da vocação, e as atitudes obedecem mais as necessidades que aos valores. Em consequência a necessidade de dependência afetiva pode produzir algumas atitudes que não estão em conformidade com a vocação, tal como a constante e continua procura de amizade, a rejeição da oração pessoal, etc. Este indivíduo é inconsistente não só psicologicamente, mas também socialmente.

Avaliando estas consistências ou inconsistências é necessário considerar também muitos outros aspectos: em particular, se elas são conscientes ou inconscientes, e a sua centralidade. Uma inconsistência reconhecida como tal pelo sujeito, facilitar uma decisão livre e um crescimento. A inconsistência inconsciente, pelo contrário, arrisca trazer consigo ou uma adaptação defensiva para a Vida Religiosa, ou arrisca causar o abandono da Vida Religiosa em caso em que as necessidades chegarem ao ponto de sobrepor-se aos valores.

É necessário considerar este “trabalhar juntos” ou reciprocidade das necessidades e atitudes e procurar a motivação central da pessoa. Inconsistência e consistência podem de fato coexistir na mesma pessoa e de acordo com várias necessidades e vários graus de intensidade. Além do mais, é possível avaliar as forças dinâmicas presentes na pessoa e determinar o *núcleo central de motivação*, isto é, os movimentos que influenciam, também inconscientemente, a entrada, saída ou crescimento na vocação.

6 A CONSISTÊNCIA DO EU-TRANSCENDENTE

A expressão *consistência do “eu transcendente”*, expressa e resume bem os elementos centrais da teoria. A vocação religiosa está baseada na transcendência do “eu” já que é um convite a seguir valores transcendentais aos quais o seu objetivo direto não é satisfação egoísta. O religioso procura por primeiro o Reino de Deus e a sua justiça, ambos nos outros e nele mesmo, e todas as outras coisas lhes serão dadas como acréscimos. A vida do Evangelho, que é uma forma de amor requer uma oferta pessoal aos outros e a renúncia da própria vida. Portanto os valores que fazem parte do “eu ideal” do religioso deviam estar baseados na caridade⁹.

O compromisso religioso, por causa destas obrigações pessoais e eclesiais pressupõem, para além da chamada divina, a capacidade de responder e crescer nesta resposta. Tal capacidade é baseada na consistência do “eu”, isto é, da presença no “eu atual” de atributos consistentes com o “eu ideal”. Os valores proclamados, então, parecem ser

⁹ A caridade é o amor que supera o amor erótico e o amor de mera amizade, é o amor que não visa retorno. Viver amando sem visar retorno não é para qualquer um, pressupõe muita riqueza interior: não demos por descontado que tenhamos assim tão facilmente tanta caridade!!!

insuficientes para garantir a perseverança e a eficácia vocacional da pessoa se eles (os valores) não estão apoiados em uma personalidade suficientemente livre de necessidades inconscientes.

7 A CAPACIDADE DE INTERNALIZAR OS VALORES

Uma das noções fundamentais da teoria é esta: crescimento na vocação ou crescimento vocacional, pressupõe a capacidade de internalizar os valores espirituais e vivê-los. Na psicologia, o processo de maturação é muitas vezes apresentado em termos de integração de diferentes componentes da personalidade. A pessoa é madura se ela dedica todas as forças dinâmicas da personalidade, conscientes e inconscientes, numa escolha livre de projeto de vida. O mesmo é válido para a maturidade vocacional, que pode ser apresentada como uma integração da maturidade afetiva e maturidade espiritual. É esta idéia fundamental que é expressa pela noção da consistência entre as necessidades emocionais e os valores espirituais. A internalização dos valores é precisamente um processo de maturação que permite a pessoa integrar-se num sistema consistente de motivações de valores da sua nova vocação apresentada no decurso da formação.

Como já foi visto a respeito da noção de inconsistência, há possibilidade duma separação entre o “eu ideal” e o “eu atual”. Os valores podem ser inconsistentes com as necessidades, e portanto, não integrados no sistema motivacional do indivíduo. Neste caso, a aderência a valores vocacionais ficará meramente exterior tendo sido escolhido, pelo menos primariamente, como uma defesa do “eu” contra os seus conflitos inconscientes, e/ou para gratificar alguns das suas necessidades. Os valores serão mantidos desde que

servam para tal objetivo¹⁰. O indivíduo acreditará de boa vontade que ele realmente já cresceu e amadureceu, mas é possível que este aparente crescimento seja o resultado ou de uma mera aceitação que é puramente exterior¹¹, ou de uma identificação com a instituição¹².

Internalizar, portanto, pressupõe que o candidato aceite, no valor intrínseco deles ou enquanto tais, os valores vocacionais apresentados e por causa da harmonia entre eles e o seu próprio consistente ideal. Só este tipo de internalização permite uma decisão vocacional que seja verdadeiramente livre e que não dependa das pressões de família, de grupo, de instituição ou de necessidades inconscientes do próprio candidato¹³. A capacidade de internalizar é portanto proporcionada diretamente com o grau de consistência de

-
- 10 Assim, um indivíduo pode dedicar-se à catequese infantil vista como oportunidade de exercer o valor de ser anunciador do reino, mas na verdade, a motivação, o que o leva a estar junto às crianças é uma relutância em amadurecer: terá a síndrome de Peter-Pan.
 - 11 Neste caso o jovem aceita a influência da instituição, do superior ou do grupo, não como resultado duma convicção interior, mas para obter o prêmio, como a admissão aos votos ou ao sacerdócio ou para evitar um castigo.
 - 12 Neste caso o indivíduo, por causa da sua insegurança, procura reforçar a sua personalidade ondulatória identificando-se com outra pessoa ou grupo, e por isso, aceita as normas e os valores do grupo para a gratificação e estabilidade que este relacionamento providencia-lhe.
 - 13 A psicologia clínica relata casos interessantes. Alguém veio a se tornar um sacerdote constrangido, de forma inconsciente, pela família. Sua mãe morrera no momento do parto. O pai de alguma maneira sentia-se culpado, assim como as tias. Talvez por maltratarem, durante a gestação, a mãe do futuro sacerdote. Como forma de reparar tudo isso, a criança foi oferecida: foi-lhe sugestionada a vocação. Existem outros casos que podem levar um jovem ao sacerdócio: chantagem emocional da avó, da mãe, a fim do jovem jamais deixar de ser delas. Afinal, nenhuma nora ficará entre mãe e filho. Outro pode ser levado a querer ser padre por prazer em exercer um certo poder, por exemplo. Não queremos aqui criar a imagem de que somente na vocação religiosa e sacerdotal encontramos "inconsistências". Devemos dizer que a inconsistência acontece em todas vocações e profissões. Conhecemos um sacerdote que teve que se formar em médico para satisfazer um desejo do pai. Esperou o pai falecer para conseguir realizar a sua vocação, a sua liberdade: ser padre. O exemplo último é uma exceção. Infelizmente, a maioria dos seres humanos endereçam suas vidas segundo constrangimentos. Certa feita, o grande Carl Gustav Jung disse que os homens, na sua maioria, escolhem esposas que se assemelhem de uma ou de outra maneira com suas mães.

personalidade. Agora, a formação religiosa de tipo tradicional constituída primariamente na apresentação dos valores religiosos por meio de conferências, retiros, etc. Pressupõe a presença desta capacidade de internalizar, e não é preparada para aumentar esta capacidade naqueles que não a possuem¹⁴. Em conseqüência um é capaz de perceber o bem conhecido fenômeno da conversão entusiasta durante o noviciado seguida muitas vezes por uma dolorosa reviravolta quando nem o mestre do noviciado nem o ambiente favorável para sustentar o entusiasmo já não são mais existentes. A explicação é que a mudança sensível foi muito mais ao nível do comportamento externo ou do ideal consciente, mas não chegava a atingir as verdadeiras forças motivacionais da personalidade.

8 O CARÁTER TRANSCULTURAL DA TEORIA

Quando estes “elementos essenciais” são considerados, é claro que a teoria apresentada é ao mesmo tempo transcultural e trans-situacional. Este caráter trans-situacional pode ser visto sob o aspecto dos conteúdos e, acima de tudo, sob o aspecto das estruturas consideradas .

Os conteúdos fundamentais considerados na teoria são os valores e as necessidades. Os cinco valores que a teoria afirma como fundamentais para a Vida Religiosa são:

a) *Valores Finais*: união com Deus (1) e a imitação de Cristo (2);

b) *Valores Instrumentais*: pobreza (3), Castidade (4) e obediência (5). A forma de viver estes valores concretamente vão variar de acordo com a idade e a cultura, mas eles são em

14 Qual será o nosso tipo de formação?

si mesmos imutáveis, assim como o significado essencial da Vida Religiosa também é imutável. Em referência às necessidades, estas são por definição intrínsecas à natureza humana, e portanto, são também imutáveis. A tendência à agressão, dependência afetiva, sexualidade, conhecimento, superar obstáculos e dificuldade etc. têm sido e sempre será presente no homem, apesar da sua expressão exterior vir a variar enormemente de acordo com a situação histórica e social.

As estruturas consideradas, isto é, “eu ideal” e o “eu ideal”, assim como a consistência entre um e outro, são também - precisamente por serem características estruturais da personalidade - independentes das condições concretas do tempo e lugar. As imagens e valores do “eu ideal” irão indubitavelmente ser diferentes para um africano e para um americano; similarmente, as fantasias e as necessidades do subconsciente “eu ideal” não serão as mesmas no jovem religioso como numa idosa mulher contemplativa..., mas a teoria não está interessada com estes diversos conteúdos. A teoria se concentra nos elementos que, dentro destas estruturas são essenciais para a natureza humana e para a vocação religiosa. Isto, portanto, nos permite chegar a algumas conclusões que são válidas para além das mudanças históricas, do relativismo social e de uma variedade de espiritualidade.

9 O RESULTADO DA PESQUISA: entrada e perseverança na vida religiosa

Tendo discutido os elementos essenciais da teoria, podemos pôr algumas perguntas mais específicas acerca dos fatores que podem influenciar a entrada e a perseverança na Vida Religiosa. A pesquisa do Pe. Rulla e dos seus associados

tem se direcionado até aqui às seguintes cinco perguntas:

a) Os candidatos escolhem a Vida Religiosa mais na base do que eles mesmos acreditam ser ou naquilo que eles gostariam de tornar-se?

b) É necessário levar em conta as motivações declaradas do candidato ou deveria-se muito mais considerar, também, as possíveis motivações subscientes?

c) Se a motivação consciente não é a motivação completa qual é a sua parte na psicodinâmica do indivíduo? E qual é a parte que a motivação subsciente joga? Quais conteúdos caracterizam a motivação consciente e subsciente?

d) A psicodinâmica existente no momento de entrada tende a persistir naqueles que permanecem na Vida Religiosa?

e) Pode a dinâmica da entrada influenciar o abandono da vida religiosa, ou ser de detrimento para o crescimento vocacional?

Sem entrar nos detalhes dos métodos seguidos para a seleção e análise da informação, vamos brevemente apresentar as respostas destas cinco perguntas, baseando-se nos resultados já obtidos no decurso da pesquisa levada a cabo em muitas centenas de seminários, homens e mulheres religiosos e estudantes leigos americanos.

10 A MOTIVAÇÃO CONSCIENTE PARA A ENTRADA

Há uma clara tendência nos candidatos escolher uma instituição religiosa na base das idéias pessoais, isto é, mais na base do que eles gostariam de ser, que na base daquilo que eles são conscientemente. Esta escolha é acompanhada quase por uma conceituada idealização do instituto a que eles pertencem. Tudo indica que atribuem ao instituto as qualidades do seu "eu ideal".

Esta prevalência do “eu ideal” acima do “eu atual” manifesta tensão de crescimento que pode ser válido para o desenvolvimento da vocação já que, pode favorecer abertura e influência da Graça como também a transcendência pessoal na realização duma missão. No entanto, o homem não é somente motivado pelos seus ideais.

11 MOTIVAÇÃO SUBCONSCIENTE PARA A ENTRADA

Há uma tendência forte nos candidatos idealizar a sua própria personalidade ou a instituição religiosa, e portanto, há falta de realismo na escolha. A falta de realismo vista nestes candidatos parece relacionado, pelo menos em parte, pela presença de necessidades inconscientes dissonantes com os ideais proclamados. Em outras palavras, a escolha de uma vocação e, a decisão de entrar numa ordem religiosa não são somente o fruto de um ideal livremente escolhido, mas são também o resultado de necessidades inconscientes. Alguns indivíduos podem, sem saber, escolher uma vocação religiosa com um objetivo de gratificar algumas das suas necessidades, ou numa tentativa defensiva de resolver os seus conflitos ou inconsistência¹⁵. Para além da indubitável sinceridade e da evidente generosidade dos candidatos, a forma que eles conscientemente descrevem a si próprios e as suas motivações não devem ser aceitas como sendo completamente válidas.

Assim sendo, já se tornou uma prática comum retardar a entrada dos candidatos nas casas de formação. A utilidade de tal medida parece evidente, especialmente nos casos em que o candidato ainda não resolveu certos problemas normais

15 Por exemplo, alguém pode fazer-se religioso como uma maneira de agradar ao pai ou à mãe. Um outro poderá fazer religioso para “fugir” do mundo secular competitivo. Alguém também poderá terminar ingressando em uma Ordem religiosa somente para fugir de uma relação dialógica com o sexo oposto.

de desenvolvimento. Porém nós podemos perguntar se esta medida é útil quando o candidato apresenta algumas inconsistências inconscientes. Pode a *mera* aquisição de uma larga experiência de vida verdadeiramente influenciar o indivíduo, e em que grau? Segundo as estatísticas, prognostica-se que o indivíduo que apresenta algumas inconsistências inconscientes continuará a atuar de acordo com as inconsistências inconscientes em qualquer ambiente em que ele for, desenvolvendo atitudes defensivas ou de gratificação. Estas atitudes, por sua vez, produzirão resultados concretos de perpétua idealização não realística da própria pessoa e da instituição.

12 PREVALÊNCIA DA MOTIVAÇÃO SUBCONSCIENTE

O resultado desta pesquisa nos convida a refletir seriamente no seguinte ponto: a motivação vocacional da grande maioria dos candidatos, entre 60% a 80% foi marcada por atitudes a favor das necessidades subconscientes: atitudes mantidas seja para se defender contra estas necessidades ou para satisfazê-las. Portanto, a motivação subconsciente parece ser um elemento importante na decisão para entrar na Vida Religiosa¹⁶. No entanto, dentro desta motivação subconsciente, as necessidades discordantes, como agressão, necessidade de humilhação¹⁷, necessidade de se justificar são de particular relevância. Em conseqüência espera-se que estas

16 Estes resultados, apesar da dificuldade de serem aceitos, se parecem com os resultados obtidos em outras pesquisas: 10-15% dos padres nos E.U.A e Europa Ocidental são psicologicamente maduros, 60-70% são emocionalmente imaturos, e 20-25% apresentam sérias dificuldades de psiquiatria. É necessário ter em consideração que as pesquisas feitas sobre a população laica não difere tanto daquela feita sobre os religiosos.

17 Isto é: tendência a considerar-se de pouco valor; tendência a ceder, a resignar-se. Tende a submeter-se passivamente a uma força externa. Tem medo de fazer aquilo que é capaz.

inconsistências tenham uma influência negativa na perseverança e na eficácia vocacional.

Tais resultados têm em consideração a falta de maturidade afetiva ou vocacional. Estas insuficiências da personalidade estão já presentes no momento da entrada, antes dos indivíduos começarem a formação religiosa. Portanto, em si mesmas não são causadas pelo centro de formação.

13 PERSISTÊNCIA DAS INCONSISTÊNCIAS VOCACIONAIS

Por sua própria natureza, todo conflito inconsciente, desde que não seja reconhecido como tal, tende a persistir. O mecanismo de defesa usado pelo indivíduo tem por objetivo precisamente esconder-lhe a verdadeira natureza das suas dificuldades e a verdadeira fonte da sua frustração de maneiras que ele não seja capaz de aprender a partir da experiência oferecida. Ele procurará várias soluções aqui é acolá, mudará de ambiente, experimentando novas formas de retiros, orações, procurando cursos e conferências, mas sem resultados duradouros, já que nenhuma destas soluções é baseada numa verdadeira apresentação do problema básico.

De fato, os resultados da pesquisa mostram que quatro anos de formação não trouxeram nenhum aumento significativo no grau da maturidade afetiva dum grupo de homens e mulheres religiosas que foram estudadas: só 2% dos homens e mulheres religiosas aproveitaram da formação que lhes foi dada para o crescimento na maturidade afetiva. Similarmente, parece que havia pouco progresso no conhecimento profundo de si-mesmos e 87% das mulheres religiosas eram ignorantes, totalmente ou em parte, do seu conflito central (ou seus conflitos centrais), e quatro anos

depois da formação 83% dos homens e 82% das mulheres continuavam ainda ignorantes de tais conflitos.

Um fenômeno interessante, aquele da transferência, também manifesta a persistência das inconsistências inconscientes. O sujeito, na sua relação com a autoridade ou com os de sua idade, liberta o relacionamento que ele teve com os membros da sua família durante a infância ou adolescência. Esta repetição regressiva da experiência passada revela e também reforça as inconsistências já presentes¹⁸. Como caso concreto, os resultados mostram que 69% dos homens religiosos e 67% das mulheres religiosas parecem estabelecerem algum relacionamento de transferência no decurso da sua formação. No entanto, estas transferências estão relacionadas com os conflitos da sua família ou conflitos pessoais dos candidatos. Os conflitos pessoais tendem a ser expressos na adoção de transferências que são, por sua vez, a repetição dos conflitos originais da família. Em conseqüência a pessoa defronta-se com um violento círculo vicioso, já que o relacionamento de transferência não reconhecido como tal, perpetua o conflito original e reforça as defesas do indivíduo contra este mesmo conflito.

Se os quatro anos não produziram nenhuma mudança significativa no sentido duma maior maturidade, temos um problema muito grave, ou seja, o da real utilidade da formação. É pertinente a nossa formação?

Qualquer pessoa humana sempre possuirá força intrínseca, com a ajuda de Deus, de mudança e de aperfeiçoamento, mas estes resultados estatísticos parecem

18 A pessoa é geralmente consciente dos seus sentimentos, mas não chega a dar-se conta de que os sentimentos: 1º são uma repetição (por exemplo, repete uma experiência familiar antiga), 2º estão sendo re-tomados ou re-atuados ou re-elaborados ou re-vividos. Outras vezes a pessoa não sabe o "porquê" de tais sentimentos. Existe, portanto, uma perpetuação dos seus conflitos.

indicar que, de fato, esta força não é efetiva na maioria dos indivíduos afetados pelas inconsistências inconscientes.

14 A MOTIVAÇÃO PARA DEIXAR A VIDA RELIGIOSA

O fenômeno de sacerdotes, homens e mulheres religiosos que deixam a Vida Religiosa e o sacerdócio pode ser explicado na base de vários fatores: a Graça divina e cooperação humana, a pressão do grupo ou da comunidade no indivíduo, fatores que têm a ver com as normas, constituições e estruturas da instituição religiosa, a influência do ambiente histórico e sócio-cultural em geral, a da estrutura funcional da Igreja em particular, e das características da personalidade individual. A pesquisa da qual estamos a tratar considera somente o último fator: a possível influência da psicodinâmica individual, avaliada no momento da entrada e na eventual deserção da vocação.

Os resultados mostram que as forças internas da personalidade que funcionam no momento da entrada e no momento da saída não são necessariamente as mesmas. O grupo de forças que parecem prevalecer no momento da entrada da Vida Religiosa, consistem de valores e atitudes do sujeito, o seu "eu ideal". Este ideal proclamado pelo sujeito, no entanto, não é garantia de perseverança.

Para explicar pelo menos em parte o fenômeno do abandono da Vida Religiosa, é necessário referir-se a um segundo grupo de forças: o equilíbrio ou desequilíbrio entre consistência e inconsistências, ou o que nesta teoria é chamado de "Capacidade Previsível de Internalização". Quanto maior for a prevalência das consistência sobre as inconsistências maior é a capacidade de internalização e maior é a probabilidade de perseverança na Vida Religiosa. Os resultados mostram uma significativa correlação entre a prevalência das inconsistências vocacionais e a subsequente

abandono da vocação. Portanto, a maior ou menor capacidade para a internalização dos valores, determinada por consistências e inconsistências, parece ser um dos elementos decisivos para uma pessoa perseverar ou não na sua vocação.

Uma explicação óbvia disto é que, se os valores vocacionais não são internalizados, o próprio compromisso religioso vai gradualmente ser posto em questão. Quanto mais as inconsistências inconscientes predominam na pessoa, mais determinam ou criam irrealísticos ideais pessoais e falsas expectativas a respeito das futuras funções vocacionais. A discrepância entre o "eu atual" e o "eu ideal" tende a aumentar, e com isso aumenta também a profunda insatisfação do sujeito. A fonte do aumento da insatisfação não pode ser descoberta por causa do caráter inconsciente das inconsistências presentes no indivíduo; e porque a percepção realística das suas verdadeiras necessidades conflitantes apresentariam uma grande ameaça à sua estima pessoal. Esta insatisfação é, portanto, projetada nas estruturas da instituição ou da Igreja. Aí segue o fenômeno da "percepção deformada ou alterada" que impede ao indivíduo de fazer um julgamento objetivo sobre o mundo exterior, e força-lhe gradualmente a re-interpretar, de uma maneira por demais "subjetivista", o autêntico significado dos valores e atitudes vocacionais. Em conseqüência aparece o dia em que o religioso descobre irremediavelmente que está isolado e alienado dentro do seu grupo religioso. A conclusão lógica é o abandono.

No entanto não é necessário concluir que todos os que são inconsistentes deixam a Vida Religiosa depois de algum tempo. Ao contrário, é muito provável que candidatos consistentes possam também deixar depois de algum tempo de "provação". Se por exemplo um profundo conhecimento da instituição mostra-lhes que esta instituição não responde aos ideais que lhes foram apresentados, eles são capazes de fazer uma decisão madura e objetiva para procurar outro

caminho. Doutro lado, candidatos inconsistentes podem permanecer na Vida Religiosa apesar dos conflitos inconsistentes. Por exemplo, se a Vida Religiosa lhes oferecer segurança que eles não encontrariam em outra forma de vida. Neste caso, será a eficácia apostólica que sofrerá a falta de maturidade vocacional por parte de um agente (leigo, irmã, padre, bispo ou papa) imaturo.

A verdadeira pergunta que deveria ser feita em relação aos que deixam não é primariamente porque eles deixam, mas quais são as expectativas, acima de tudo as inconscientes, que influenciaram a sua decisão para entrar na Vida Religiosa. É a psicodinâmica total do candidato na entrada que pode influenciar numa forma relevante a decisão futura de deixar a Vida Religiosa.

15 ALGUMAS CONCLUSÕES E CONSEQÜÊNCIAS: santidade e maturidade humana

Os resultados principais da pesquisa que acabamos brevemente de apresentar levantam muitas perguntas sérias, acima de tudo com relação à formação. Vamos tentar clarificar algumas das conseqüências principais que emergem. Em primeiro lugar, oferecemos uma compreensão mais adequada da relação entre santidade e maturidade humana.

Santidade é fruto da presença do amor divino no homem. Depende, portanto, da ação gratuita de Deus e da resposta livre do homem, independentemente das disposições psicológicas do indivíduo, pressupondo obviamente que há o mínimo de liberdade pessoal presente. Contudo, é possível que os fatores subscientes possam limitar o campo da liberdade e assim diminuir a disponibilidade humana diante da ação da Graça. Lembremo-nos que é através da liberdade que o homem recebe a ação da Graça.

Santidade subjetiva, portanto, não depende do grau de

maturidade psicológica da pessoa; santidade objetiva, ao contrário, consiste na efetiva transformação em imagem de Cristo, é relacionada com a afetiva e humana maturidade da pessoa.

Certamente, a graça pode ultrapassar as limitações subscientes da pessoa para lhe transformar profundamente; mas tal ação "terapêutica" da Graça parece ser uma exceção mais que regra.

É isso que o resultado da pesquisa mostra: Deus respeita a liberdade do homem e as leis dinâmicas do seu desenvolvimento. Doutro lado, é difícil ver porquê Deus não pode respeitar as leis psicodinâmicas que Ele mesmo criou.

A maturidade humana e vocacional do religioso é também muito importante para a eficácia apostólica. Faz da pessoa um melhor "instrumento" nas mãos de Deus, mais sensível às necessidades do ministério e um testemunha mais convicto dos valores de Jesus Cristo. Se o religioso sente dificuldades em internalizar os valores espirituais, a sua atitude básica tenderá pouco a pouco a conformar-se com as suas necessidades do que aos seus ideais transcendentais. A sua capacidade de ouvir objetivamente e de transmitir a Palavra de Deus, na escritura, na liturgia e na Igreja, sua habilidade de perceber o sentido profundo da realidade estarão seriamente em perigo. Ele terá dificuldades em gerir-se a si próprio e será incapaz de ser "perder" ou de se doar para se abandonar generosamente no amor.

16 AS DESERÇÕES VOCACIONAIS

Apesar de ser necessário considerar outros fatores sócio-culturais, o fato das deserções parece, em parte, atribuível à existência das inconsistências inconscientes em grande número de religiosos, e atribuível ao aumento da influência negativa que estas inconsistências exercem no ideal

vocacional.

Tais inconsistências, não são limitadas a países particulares ou a uma idade¹⁹. Por que então o número dos que deixam aumentou tanto nos últimos anos? É aqui onde os fatores sócio-culturais entram em consideração, entre os quais, as estruturas institucionais têm uma função importante. Estas estruturas têm notavelmente perdido importância nos últimos anos, deixando uma liberdade e responsabilidade maior ao indivíduo e obrigando-lhe na sua parte uma maior adaptabilidade. Mas não é suficiente ser dada uma maior liberdade para se tornar capaz de usar a tal liberdade com maturidade. A falta de maturidade vocacional poderia, por isso, ser uma das causas que já fizeram certo número de religiosos incapazes de aceitar os desafios desta nova liberdade. De outro lado, se inconsistências são prevaletentes na pessoa, a presença de estruturas institucionais reforçam o processo de submissão, e em consequência a sua hesitante liberdade, e assim cria-se um "clima" propício para a perseverança; mas tudo isso, é feito numa atitude de rígida e defensiva aderência a regras e normas da instituição. Quando as estruturas desaparecem, as necessidades dissonantes, que até então foram guardados sob controle pelo ambiente, procuram se expressar e podem comprometer seriamente a liberdade e a escolha vocacional do religioso.

Uma perseverança que seja ao mesmo tempo tanto criativa como efetiva, depende muito mais da capacidade do indivíduo de internalizar os ideais vocacionais, do que de uma imposição externa de regras, ou da simples sugestão de valores, apesar de autêntica e válida.

19 A pesquisa indica a presença de inconsistências em aproximadamente 60-80% dos candidatos.

17 SELEÇÃO E FORMAÇÃO DOS CANDIDATOS À VIDA RELIGIOSA

O quê, então, pode ser feito na seleção e formação de candidatos para a Vida Religiosa? É necessário recusar a todos aqueles que têm inconsistências? De acordo com a informação obtida, num caso semelhante, só 10% ou 15% do número atual dos candidatos poderiam permanecer. São as inconsistências uma indicação que o candidato não tem vocação, ou podem ser vistas como uma das vias possíveis escolhidas pelo Senhor para chamar a si aqueles que ele quer? Nesta hipótese tornar-se muito importante não só discernir estas inconsistências vocacionais, mas acima de tudo ajudar o religioso a resolvê-las.

É evidente, que é necessário preservar o elemento didático na formação: a apresentação dos valores fundamentais da Vida Religiosa por meio de conferências, retiros, grupos de estudo, etc. Ao mesmo tempo, devemos afirmar que, de acordo com os resultados obtidos, tal formação permanece claramente insuficiente quando a capacidade de internalizar os valores é fraca, e isto, repetimos, é o caso na maioria dos candidatos²⁰.

Durante alguns anos já se insistiu no valor das “experiências”, isto é, na necessidade de oferecer ao religioso a oportunidade de experimentar diferentes atividades e funções tornando-se, por exemplo, estudante ou professor nas universidades, participando nas atividades sociais para os pobres, trabalhando em novas tentativas apostólicas, participando em grupos de oração, mudando de diocese, etc.

20 Isto é, não adianta absolutamente nada ficar “martelando” o indivíduo com palestras, correções, confissões, etc. Talvez podemos exemplificar tal conceituação com a imagem do fumante, que mesmo sabendo que a fumaça tragada é puro veneno, que faz mal, continua tragando-a.

Mas qual será o benefício real destas experiências se o sujeito é incapaz de aproveitar por causa das suas inconsistências? Experimentar cargos ou funções não conduz automaticamente a uma maior maturidade; isso pressupõe, pelo contrário, a capacidade de aproveitar e, portanto, a capacidade de internalizar valores. É obvio que “experiências” permitirão ao religioso atingir uma maior capacidade: um diploma universitário permitirá ao religioso ensinar com êxito; prática de trabalho social possibilitará ao religioso conhecer os problemas do pobre e descobrir soluções, etc. Mas as “experiências” em si mesmas são garantias de uma maior eficácia apostólica? Eficácia apostólica não pode ser confundida com eficiência. A “Eficácia”, como manifestação visível dos valores cristãos, depende primariamente da orientação a valores cristãos que se dê às funções, enquanto a “Eficiência” está ligada a uma orientação em direção às funções por si mesmas. Em outras palavras, se o “experimentador” das funções (por exemplo, um religioso que faz experiência num hospital) não estiver enraizado numa preexistente capacidade de internalizar valores vocacionais, as “experiências” não causarão nenhum efeito na maturidade espiritual ou apostólica do sujeito. Será ao invés a função (por exemplo, de enfermeiro) em si que se tornará para ele um valor; de maneira que ele identificará a sua eficácia apostólica com a função ou com a profissão e se tornará fixo nisto. Não será capaz de servir o Reino sem ensinar esta disciplina particular nesta universidade particular ou tendo esta ocupação particular nesta cidade particular.

Tanto para a transmissão de valores, como para a experiência de vida, para ser eficaz e não simplesmente eficiente, o religioso deve ter a capacidade de internalizar. Mas como é que é possível desenvolver esta capacidade de internalização?

18 A FUNÇÃO DA PSICOLOGIA NA FORMAÇÃO

As dificuldades vocacionais mais comuns podem ser agrupadas em quatro tipos: problemas espirituais (por exemplo: dúvidas de fé, moral, etc.); problemas resultantes das dificuldades normais de desenvolvimento vocacional; inconsistências vocacionais subscientes não diretamente redutíveis à psicopatologia; e psicopatologia.

A solução aos primeiros dois tipos de problemas não deveriam apresentar dificuldades particulares. Contudo, estes podem ser expressão de inconsistências ou de patologia. Em tal caso, a sua resolução pressupõe uma precedente resolução das inconsistências ou do distúrbio patológico. Mas como os resultados da pesquisa indicam, os meios comumente usados (direção espiritual, exame de consciência, dinâmicas de grupo, experiência de vida) parecem insuficientes para trazer uma resolução definitiva dos conflitos inconsistentes e inconscientes. Portanto, são necessários novos métodos de formação que utilizem as contribuições da psicologia.

Até agora as comunidades têm limitada a contribuição da psicologia nas seguintes funções: a seletiva e a terapêutica. Os testes aos candidatos continuam necessários, e devem ser feitos antes da entrada na Vida Religiosa. Referente ao tratamento terapêutico dos casos de psicopatologia não é, estritamente falando, a função da formação vocacional. A função da psicologia na formação devia ser definida na base das seguintes três funções: pedagógica, preventiva e integrativa.

A contribuição da Psicologia deveria ter por objetivo, em primeiro lugar, desenvolver no religioso a capacidade de internalizar os valores e atitudes vocacionais; isto é, tem mais a ver com a prevenção que com a cura. De fato, é já possível descobrir no momento de entrada a fonte das futuras dificuldades que o religioso encontrará no compromisso

vocacional. Por quê então esperar tais dificuldades desenvolverem-se e se tornarem, às vezes, irreversíveis? É preferível intervir desde o início com o objetivo de permitir ao indivíduo reconhecer em si mesmo e ultrapassar as inconsistências que são obstáculos ao seu crescimento humano e espiritual. Portanto, não se deve fazer uma dicotomia entre a psicologia e espiritualidade. A “formação” tem que apresentar ao candidato o necessário alimento espiritual, mas deve também lhe assegurar a capacidade de assimilar e de internalizar o alimento. Sem esta integração entre o humano e o espiritual, os ideais propostos, em vez de favorecer o crescimento, podem tornar-se uma fonte de frustração e alienação²¹.

Tal formação evidentemente exige novos tipos de “formadores” preparados propriamente para o seu trabalho. Neste sentido, podemos formular as seguintes duas qualificações. Em primeiro lugar, os formadores deveriam já ter reconhecido e superado neles mesmos as suas dificuldades psicológicas e as suas inconsistências, para evitar projetar nos formandos as suas próprias inconsistências e dificuldades psicológicas, seja sob forma de uma interpretação peculiarmente subjetiva das constituições e do espírito da instituição ou favorecendo, de uma forma mais ou menos explícita²², atitudes de compromisso em desacordo com valores fundamentais do religioso. Estes novos formadores

21 Torna-se inconcebível a resistência por parte de certos superiores em fazer uso da psicologia. Deve-se interpretar tal resistência como uma espécie de mecanismo de defesa. Ou seja: o próprio superior em causa possuirá sérios conflitos interiores e preferirá viver em um mundo irreal e fantástico.

22 Um formador pode através da linguagem “não-verbal” favorecer, por exemplo, uma “obediência” marcada pelo medo, mais do que pela busca da “vontade de Deus”; pode também diante de uma amizade existente entre um formando e uma outra qualquer pessoa, fantasiar perigos para a castidade, revelando, com isso, somente seus próprios fantasmas. Um outro formador carente de companhia, pode promover sempre passeios, alegando uma nova, moderna e evangélica metodologia de formação.

deveriam também ser capazes de evitar a armadilha da relação transferencial que mantém e retém os sujeitos nos seus conflitos inconscientes²³. Em segundo lugar, estes formadores deveriam ser capazes de perceber indicações nos formandos - às vezes sutis - de motivações subconscientes, especialmente quando tem a ver com inconsistência vocacional e de ajudar os sujeitos a ver isto neles mesmos.

Ao lado desta primeira categoria de educadores, capazes de discernir e ajudar os formandos a discernir a presença das inconsistências vocacionais, uma segunda categoria de formadores deveria ser necessária. Estes seriam capazes de ajudar o próprio formando a resolver as suas dificuldades. A natureza inconsciente das tais dificuldades exige que estes educadores tenham uma formação séria em psicologia do profundo²⁴.

Estamos falando de “novos educadores”. Contudo, a sua função não deve diferenciar-se da função tradicional de “diretor espiritual” ou de diretor de formação. O novo elemento é que, para além da ajuda oferecida ao formando para desenvolver uma vida espiritual consciente, eles deveriam ser capazes, antes de tudo, de acrescentar e integrar à esta ajuda a assistência necessária para libertar os candidatos da influência negativa de sua vida inconsciente; em segundo

23 O mecanismo de “transferência” é um grande empecilho a um real encontro e relação. O formador pode reconhecer num primeiro momento a relação de transferência, mas nunca poderá alimentar, e pior, iniciar a experimentar satisfação neste tipo de relação. O formador não deve se tornar o “amiguinho” do formando, nem seu parceiro ou companheiro. Infelizmente, é comum encontrar o caso onde a transferência parte do formador. E aí o formando pode significar o escravo do formador, o preferido do formador, o apoio afetivo do formador, o “filho” ou a esperança e futuro do formador.

24 Conheço uma província religiosa que tem como assessoria no campo formativo um psicólogo. Talvez muitas províncias religiosas mostrem-se refratárias ao uso da psicologia devido a experiências desagradáveis. Para citar, lembro de um mosteiro no México aonde os monges fizeram terapia. O resultado foi que 90% dos monges saíram. Confundiram vocação com perfeição psicológica? Realmente não tinham vocação?

lugar, deveriam ser capazes de aumentar nos candidatos suas capacidades de internalizar e de viver os valores vocacionais.

Os resultados desta pesquisa do Pe. Rulla e seus associados mostra a necessidade e urgência desta responsabilidade²⁵.

REFERÊNCIAS

CENCINI, Amedeo. **Amarás o Senhor teu Deus**. São Paulo: Paulinas, 1989, 192 p. (Coleção Psicologia e Formação, 9).

CENCINI, Amedeo; MANENTI, Alessandro. **Psicologia e formação**. São Paulo: [s.n.], 1988, 405 p. (Coleção Psicologia e Formação, 7).

MANENTI, Alessandro. **Viver os ideais**. São Paulo: [s.n.], 1988, 332 p. (Coleção Psicologia e Formação, 8).

_____. **Vocação, Psicologia e graça**. São Paulo: [s.n.], 1990, 85 p., 18 cm. (Coleção Psicologia e Formação, 10).

RULLA, L.M., **Antropologia da vocação cristã**. São Paulo: Paulinas, 1987, 567 p. (Coleção Psicologia e Formação, 6).

RULLA, L.M. et al., **Estrutura Psicológica e vocação**. São Paulo: Paulinas, 1985, 232 p. (Coleção e Formação, 4).

RULLA, L.M., **Psicologia do Profundo e vocação**. São Paulo: Paulinas, 1977, 206p. (Psicologia e Formação, 2).

25 Creio que inconscientemente existe uma resistência em responder (=responsabilidade) a este novo apelo, o que constitui uma lâstima.